

A VELHA GUARDA

Orgão local do Partido Republicano Português

Editor:

Propriedade da Empresa de A Velha Guarda

Redactor principal

ADOSTINHO F. ROCHA

JOAQUIM DE ALMEIDA GUIMARÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:—RUA ELIAS GARCIA, 48 — Composto e impresso na Tip. de A VELHA GUARDA—Rua Elias Garcia, 45 — GUIMARÃES



Francisco de Assis da Costa Roriz

RECORDANDO

NÃO é sem uma forte emoção e —porque não o direi eu?— sem saudade, que recorde o tempo agitado, de tão feroces, de tão hestias perseguições, como foi o do sidonismo.

Saudade, sim. Durante esses catorze meses, em que, só por mais duzia de semanas eu pude permanecer sossegado, numa terra de Portugal onde, por um estranho acaso, havia autoridades de intelligencia e coração, e, ainda assim, não tanto que, por vezes, me não tivesse de esconder, e uma delas, nunca o esquecerei, em casa de Francisco Roriz, que me acolheu com o maior dos carinhos, com incedível fidelidade e gentileza, durante esse longo período, fugindo pelas serras, atravessando em noites escuras os rios da fronteira, teimando sempre em voltar a Portugal, ou porque não pudessem vencer affectos que me atraíam aqui, ou porque julgasse a minha acção útil em movimentos políticos que sempre se promoviam, para derubar uma situação que infamava o país, quantos lances, episódios, actos de extraordinaria dedicação, coadjuvações inesperadas, amizades que se criaram, as mil peripécias que se dão em viagens acidentadas como as que eu fazia, quantos incidentes não houve que o coração não esquece, que a saudade envolve na suavidade do seu manto de cruciante carinho!

E, depois, se compararmos esses tempos com os de agora, se atendermos a que, então, Portugal soffia, premido pela bota dum vendido, dum traidor, a quem nem depois de morto se pôde perdoar, e em volta do qual se arrebanhava tudo quanto no país havia de bandido ou estúpido, se pusermos um con-

fronto esse período em que o bandidismo do Poder explicava e justificava o canibalismo que soffremos, com a perseguição, que ainda não cessou e nos fere no que ha de mais intimo e puro na nossa alma e de mais legitimo e merecido nas nossas aspirações, hoje, em que os amigos de ontem, aqueles por cujo ideal comum nos sacrificamos são os que governam, como não havemos de ter saudades do tempo em que só por inimigos eram os atacados, com uma ferocidade estúpida que não nos magoava tanto como a raiva jesuitica que nos persegue agora?

Sim, saudade. Eu não posso recordar esse tempo sem saudade. E, no entanto, eu reconheço que ele representa a página mais negra da historia de Portugal. Não esqueço a inquisição, mas a inquisição não é dum país, a inquisição é dos padres e os padres são catholicos, não teem pátria.

Eu reconheço que ha milhares de victimas, que ainda agora se sofre muito, da perseguição sidonista. E, entre ellas, eu tenho hoje de destacar Francisco Roriz e Antonio Madureira.

Em minha consciencia, estou firmemente convencido de que a morte destes dois dedicados republicanos se deve ao sidonismo e que, se, porventura, aqueles que nesta terra mandavam então, não fossem de uma estúpidez tão larvada nem duma maldade tão bestial, o remorso os acompanharia até ao fim, e, no meio do seu sono, haviam de acordar atarrados, sentindo, a seu lado, os espectros implacaveis das duas victimas que, fosforescendo na escuridão, lhes pediriam contas dos filhos queridos que aqui ficaram sem pai.

Mas, não, o remorso não os atingirá porque os seus sentimentos, se alguma vez existiram, estão hoje absolutamente embolados. Nunca o carilheiro reparou, que havia áncula de vida, dor e amor, no coração que

arranca, palpitante, do animal que arqueira, porque ainda não acabou de morrer.

Que importa ás bestas que mandavam então em Guimarães que, dessa leva de criaturas innocentes e inoffensivas, entre baionetas, insultos e vaías, para calabouços onde se não podia respirar nem dormir, criaturas que de nenhum crime podiam ser accusadas, sobre as quais nenhuma suspeita podia cair, arrancadas, bralmente, de noite, do seio de suas familias, pelo simples prazer de torturar, vexar, de fazer mal, que importa que uma delas, de delicada sensibilidade, logo tombasse morta, e outra recebesse no coração o golpe fundo, cujo efeito mortal, um arco-boiço forte só conseguia demorar por alguns meses?... Que lhes importa, a essas almas vis, da mais abjecta e estúpida inconsciencia?...

A «Velha Guarda» pede-me que a acompanhe na homenagem que hoje presta a Francisco Roriz e Antonio Madureira. Acêdo, comovidamente, protestando o meu nójo por aqueles que os mataram.

Diante dos seus túmulos uma intensa saudade me punge, nada mais lembrando o meu coração que não seja o seu amor pela Republica e a amizade que por mim tiveram.

Guimarães, 29 de Dezembro.

M. Felgueiras.

In memoriam

E' com grande comoção e pungente saudade que, em breves palavras, me vou referir á memoria inolvidavel do meu querido, bom e leal amigo Francisco Roriz a quem o presente numero de «A Velha Guarda» presta, com toda a justiça, o seu preito de sincera homenagem, comemorando a data infaustosa do seu falecimento.

Eramos creanças, ainda, quando nos conhecemos e, desde então, a nossa amizade, com o dobrar dos anos, ganhou a consistência dum bloco indestrutivel em que se fundiu a leal amizade dos nossos corações.

Francisco Roriz, pelas suas bellissimas qualidades morais e pelo seu character do mais puro quilate, aliadas a uma viva intelligencia, pouco vulgar, activo e trabalhador como poucos, tinha, fatalmente, de conquistar um lugar de confiança e de amizade sincera, profunda e indestrutivel no meu coração.

E estas belas e raras qualidades que exornavam a figura franzina e simpática do meu saudoso e querido amigo, morto—como o tempo vós—há já um ano, evocadas agora por mim, fazem-me sentir uma pungente e dolorida recordação da minha alma! Relembro-me o nosso tempo de rapazes alegres, atravessados, irrequietos e por vezes irreverentes... mas afinal, sempre coisas de rapazes, na idade em que, para eles a vida toda, é sol, toda é luz e tudo lhes é doirado e azul como um poente de primavera.

Francisco Roriz tornou-se homem. Era já um industrial a quem a fortuna sorria prometedamente.

te. Constituiu familia; tinha um lar que era todo o seu enlevo, toda a sua alegria, todo o seu carinho e, isto tudo á custa do seu esforço constante; persistente e tenaz porque a sua actividade, a sua áncia de viver a vida a largos haustos e o seu amor ao Progresso da sua terra, que ele muito queria, e da sua Patria que ainda mais amava, determinaram em si uma grande força de vontade em virtude do que, pelo seu esforço, chegou a ser, embora môço ainda, um triunfador no nosso meio acanhado e rotineiro.

Era tambem Francisco Roriz um grande patriota, um bom portuguez, um republicano leal, convicto e intransigente e se bem triunfou na vida como homem, como cidadão e como exemplar chefe de familia, baqueou ingloriamente na morte como inutil ferrapo humano! E porque, santo Deus?

Não o quero agora recordar. A mão estremecer-me-hia ao querer fixar neste papel a sua breve, mas terrivel e cruciante odisseia. Não!

Falece-me o animo para poder descrever tão lugubre quão tenebroso quadro.

Outros, com mais coragem do que eu, por certo o farão nestas colunas. Eu é que não posso lembrar, agora, esse quadro negro, aviltante e desumano, porque ele só por si será um estigma que fará sempre supurar como uma enorme chaga as consciencias pu-tridas dos seus perseguidores.

Meu pobre e malogrado Roriz! Como despareceste, tão cedo, abruptamente, da actividade febril da tua fabrica, do remanso do teu carinhoso lar e do convívio alegre e affectuoso dos teus amigos!...

Descansa em paz, querido morto!



Antonio Caires Pinto de Madureira

E eu, que sempre te tive como um amigo bom, generoso e dedicado, choro hoje, como ha um ano, a tua perda irreparavel; e, desfolhando, sobre o teu tumulo tranquilo, os goivos de minha eterna saudade, hei de recordar sempre a tua memoria e apontar com orgulho o teu nome—pobre martir!—como um modelo de virtudes civicas a todos os que amam a Patria e Republica como tu tão nobre e ardentemente a amaste.

CA. R.

Um ano depois...

Ha já um ano que passou a terrivel hecatombe de, por todos os meios, se torturarem aqueles que tinham um ideal! Foi no mês de Dezembro, que os republicanos receberam os maiores ultrajes. Aqui, nesta terra, onde se fartam de chamar bemfazeja e caritativa, aqui, tambem apareceram «chacacs» e dos da peor especie! Daqueles, dum tal quilate, que não respeitavam o que ha de mais sagrado na familia, a esposa e filhinhos!

Foi assim que, em 15 de Dezembro de 1918, já de madrugada uns, outros encontrados cá fora, se prenderam 22 republicanos daqui, fazendo-os seguir para o Porto, nessa mesma madrugada, e dando-lhes por prisão um pequeno recato ou quarto.

Altas horas da noite, batia-se á porta dum «sacrificado», fazia-se levantar e seguir o itinerario determinado! De nada valiam os rogos das esposas ou os gritos lancinantes dos filhos das victimas!

Nessa «leva», entre outros, seguiram dois amigos dedicados, que já não existem, e, que nunca esqueceremos. São eles: Francisco de Assis da Costa Roriz e Antonio Caires Pinto de Madureira. O primeiro, cheio de vida, trabalhador incansavel, character de eleição e com um futuro prospero, foi roubado ao carinho dos seus, pois era neles que se norteava a sua existencia. Sentimental por indole e temperamento, não pôde resistir á sua prisão, que reputou nefasta.

Apoderando-se dele um tal estado de desfalecimento, foi decaindo, foi succumbindo até que em 29 de Dezembro morreu! Morreu, porque assim o quiseram os seus algozes! O segundo, com quanto tivesse um forte arco-boiço, apesar dos seus 51 anos, tambem foi fortemente abalado na sua existencia e tanto assim é, que em 20 de Outubro de 1919, caía fulminado numa rua do Porto, nessa mesma cidade, para onde o haviam enclausurado!

Assoc'ando-me a esta homenagem bem merecida, cujo preito é um dever que se impõe, eu quero consignar aqui, nesta hora de recordações e esperanças condignas, o quanto de estimavel tinham para nós, os amigos muito queridos, que para sempre nos arrebatarem, e, oxalá que os seus sacrificios sejam bem compreendidos por aqueles que os deturpam.

As esposas modelares, hoje imersas na mais cruciante dor, aos filhinhos queridos e ás demais pessoas das familias dos nossos nunca esquecidos amigos, nós queremos tambem aqui consignar, a nossa gratidão e reconhecimento, por tantos titulos nolaveis, que bem dignificam e honram aqueles que em vida só praticaram o bem e a virtude.

A. B.

Recordando

Francisco Roriz

Antonio de Madureira

Recordo com profunda comoção o nome destes saudosos amigos e companheiros do carcere, vítimas do sidonismo.

Eu que também fui surpreendido na noite de 15 de Dezembro de 1918, pelas 23 horas, por tres monarchicos, officiaes do exercito, que me convidaram a acompanhá-los junto da autoridade administrativa, ao que accedi immediatamente, levando-me á esquadra, fazendo de mim entrega a um policia, que logo me revistou e conduziu a um salão; ao entrar logo deparei, alem de outros, com Francisco Roriz, contanto-me ele que, depois dum jantar de anos de sua esposa, veio dar um passeio, sendo, nessa occasião, preso por uns civis sem saber o motivo.

Estava, como todos inocente, bem disposto, convencido de que poucos momentos ali se conservaria, atendendo ao interesse que por si tomava seu irmão José.

Momentos depois, somos particularmente informados por um agente de policia que os assassinos, presos por certo Bacharel que á data tudo mandava, estavam na secretaria a combinar enviar-nos para o Porto.

Francisco Roriz ficou sucumbido, mas ainda esperançado no bom exito dos passos dados por seu irmão.

Mas não demorou muito que viesse junto de nós trazer-nos a confirmação do que nos disse o agente, o conhecido official monarchico, José Cardoso, ao mesmo tempo que á porta da esquadra chegava uma força comandada por outro monarchico, «alferes Magalhães».

Recebemos ordens de marchar e chegados ao atrio da esquadra foi nos pelo commandante da força, feita a chamada, metidos no meio dela que de baioneta calada, nos conduziu á estação de Vila Flor, debaixo duma chuva constante, seguindo, no primeiro comboio, para o Porto.

Chegados ao Porto, sob mil ameaças de traidoria, fomos conduzidos ao aljube, e todos, em numero de vinte e dois, metidos no quarto n.º 18, juntamente com mais seis presos do Porto, que ali se encontravam. Este quarto mede 3 m., 50 de largo por 5 m. de comprimento; nele mal cabiamos de pé, era todo cheapeado de ferro, nada havia onde nos pudessemos deitar, nem uma sentina, nem um lavatorio onde se pudesse lavar as mãos!

Francisco Roriz, desde o primeiro dia de aljube, que se começou a sentir mal e a não comer e, ao segundo dia, mostrava sintomas de desarranjo mental, julgando-se perseguido pelos seus companheiros de prisão.

Requisitamos um medico, não tendo, porém, sido atendidos e só no quarto dia o mandaram baixar á enfermaria, mas era tal o seu estado que não queria ir sem que todos fossemos também. Finalmente, foi, e apesar de termos estado ali nove dias, nunca nos foi possível saber dele, nem mais o tornamos a ver. No dia 24, de madrugada, recebemos ordens para marchar para a nossa terra e qual o nosso espanto quando, ao chegarmos ao atrio do aljube, deparamos com uma força para nos conduzir para Guimarães! O Director da cadeia fez a chamada, a que todos respondemos, finda a qual perguntou: Estão todos os de Guimarães? Respondemos que faltava o nosso companheiro Roriz, que fora para a enfermaria, dizendo-lo que este ficava.

Chegados a Guimarães e quando sua familia contava com que ele também viesse, foi por nós in-

Do Centro Republicano de Guimarães recebemos o seguinte officio:

Cid. Director de «A V. Guarda»
Correligionario Amigo

Tendo a Direcção do Centro Republicano de Guimarães, a que tenho a honra de presidir, tomado a iniciativa de prestar homenagem aos seus saudosos sócios Antonio de Madureira e Francisco Roriz, vítimas do sidonismo; veanho, de harmonia com a resolução tomada, em sua ultima sessão, pedir-vos as columnas de «A Velha Guarda» orgão das comissões politicas, para o fim indicado na proposta seguinte, que foi, aprovada por unanimidade.

«Propoño que a direcção deste Centro tome sobre si a iniciativa e encargo de prestar homenagem aos sócios falecidos Antonio de Madureira e Francisco Roriz vítimas do sidonismo, pela seguinte forma:

1.º Officiar á redacção de «A Velha Guarda», pedindo-lhe a publicação dum numero especial daquelle jornal no dia 29 do corrente, data em que faleceu Francisco Roriz e foi posto em liberdade Antonio Madureira, juntamente com os seus companheiros de prisão:

2.º Obter fotografias dos sócios acima mencionados e mandalas zincografar afim de serem publicadas no referido numero especial de «A Velha Guarda».

Esperando que não deixareis de atender este pedido, tanto mais que ele calará, por certo, no vosso espirito de republicano a quem será grato associar-se a este merecido preito, desejava

Saude e Fraternidade

Guimarães, 24 de Dezembro de 1919.

O Presidente,

José Fernandes Guimarães.

—N. da R. Bem contra a nossa vontade, não podemos dar um numero especial de «A Velha Guarda», como era nosso desejo, por dificuldades que surgiram á ultima hora, entre as quais, a falta de papel proprio e escassas de tempo.

Este numero não será, portanto, bem aquilo que nos pede a digna Direcção do Centro Republicano de Guimarães, que tanto se dignifica na justissima homenagem que promove, mas nem porisso deixará de significar a nossa calorosa adesação á idea que se tinha em vista, nem menos sinceridade nesta maneira singela como, abrindo hoje uma tregua ás nossas lutas politicas, vimos colaborar nesta modesta consagração a duas victimas duma seita odiosa.

formada de que ele tinha ficado docente, seguiram acto continuo, em automovel, para o Porto, seu cunhado, nosso dedicado amigo e correligionario Antonio Francisco Ferreira de Castro, e seu irmão o também nosso amigo José Roriz, que o trouxeram em sua companhia, para junto de sua familia, mas já em tal estado que nem ao menos a reconheceu, e passados cinco dias, ainda nós estávamos presos na esquadra de Guimarães, recebemos a noticia de que Francisco Roriz tinha falecido.

Antonio de Madureira deu entrada na prisão poucos momentos antes de seguirmos para o Porto. Apesar de habituado a viver com todas as comodidades e confortos, resistiu a todos os maus tratos e insultos, mas a sua saúde ficou para sempre abalada, podendo mesmo dizer-se que a sua morte se deve á seita sidonista. F.

Duas victimas

Damos hoje treguas, para prestarmos a nossa mui sincera e bem sentida homenagem á saudoso memoria de Francisco Roriz e Antonio de Madureira duas das victimas sacrificadas pelo odio satânico do «sidonismo», pela vingança covarde e mesquinha de homens sem alma e sem coração.

O primeiro, ainda na flor da idade e quando a vida lhe começava a sorrir, sucumbiu, faz hoje um ano, á terrivel emoção que soffera, com a sua prisão inesperada e injusta, sendo, assim, cruelmente arrebatado do seio daqueles que tanto amava.

O segundo, posto que tivesse resistido por algum tempo, sucumbiu, também, ao agravamento dos seus padecimentos, produzido pelo infamante vexame, por que fizeram passar a sua pessoa briosa e digna.

E o que fizeram elles para que fossem, assim, tão injusta e cruelmente tratados? Eram, porventura, alguns criminosos? Eram revolucionarios que pusessem em perigo a segurança pública? Teriam assaltado centros ou residências particulares? Teriam exercido vinganças de qualquer natureza, sobre aqueles que eram, então, os seus mais ferozes algoses?

Não!
Francisco Roriz era um rapaz pacato e bom. Não consta que elle, algum dia, tivesse feito mal a alguem. Era uma criatura muito presumada e imensamente dedicada ao seu trabalho.

Tendo constituído familia, havia pouco ainda, era para ella que elle votava toda a sua atenção, todo o seu carinho e afecto.

Antonio de Madureira, possuidor dum belo coração e dum character afável, nunca se ouviu dizer que tivesse abusado da sua situação, para exercer vinganças sobre ninguém. E, se algum erro se lhe pode notar durante a sua existência, é um só:—o ter-se aliado nos últimos tempos da sua vida, aquelles que foram a causa da sua morte.

Qual, pois, o motivo—pergunta-se ainda—porque se fizeram estas perseguições? A explicação é simples. E' que os perseguidos eram republicanos e o ser republicano, em terras de Guimarães, é ainda um crime!

Ah! como me sinto cheio de indignação ao ter de lembrar-me que houve um tempo, em que Portugal esteve dominado por homens, a quem não repugnou pôr uma máscara, para se poderem vingar dos seus adversarios, filhos da mesma Pátria! Como me sinto cheio de indignação e tristeza ao ter de lembrar-me que até, na minha querida e pacata terra de Guimarães, houve criaturas tão más, que não respeitaram a vida de concidadãos seus, só pelo grande crime de defenderem um ideal mais grande, mais elevado, mais sublime e

pelo qual tantos mártires tem vertido o seu sangue—o ideal da Justiça e da Liberdade!

Eu não odeio essas criaturas, porque eu não posso odiar, mas detestava-as, abomino-as.

O remorso, que é o castigo ao qual ninguém pode fugir, ha-de morder-lhes a consciencia, porque foram a causa da morte de dois homens sem culpas e que ainda hoje podiam ter vida.

A memoria desses dois amigos eu venero a. E, com profunda saudade, beijo a louca fria das suas campas.

Almeida Guimarães.

Partido Republicano Português

Eições politicas

Tendo sido resolvido no Congresso ultimamente realizado que se procedesse á eleição das comissões politicas em todos as localidades onde estivessem funcionando, ha mais de seis mezes, ficam, por esta forma, avisados todos os correligionarios de que essa eleição, neste concelho se realizará no proximo dia 4 de Janeiro, pelas 10 horas, na sede do Centro Democrático Vimaranesense, sito no Largo 1.º de Maio desta cidade.

Guimarães, 21 de Dezembro de 1919.

O presidente da Comissão Municipal Republicana Guimarães.

Mariano da Rocha Felgueiras.

ANUNCIO

Éditos de 30 dias

(2.ª Publicação)

No Juizo de Direito d'esta comarca, e cartório do escrivão do 3.º officio abaixo assinado, corre seus devidos termos uma acção de divorcio, em que é autora Ermelinda da Conceição Fernandes, casada, proprietária do Hotel Restauran e da Vista Alegre, do Largo da Estação do Caminho de Ferro, d'esta cidade, e seu marido Joaquim de Abreu Salgado, fabricante, morador que foi no mesmo hotel e Largo, e ausente ha mais de nove anos em parte incerta, com fundamento nos números 5 e 6 do artigo 4.º da Lei de 3 de Novembro de 1910.

E no mesmo processo correm éditos de 30 dias que principiarão a contar se depois da segunda e ultima publicação do respectivo anúncio, citando o mencionado réu Joaquim de Abreu Salgado, ausente em parte incerta, para na segunda audiencia deste Juizo, depois de findo o prazo dos editos, vir acucar a mesma citação e ahí assinar-se-lhe o prazo de trez audiencias para contestar querendo, seguindo a mesma acção seus termos até final.

As audiencias neste Juizo fazem-se todas as segundas e quinta feiras de cada semana, não sendo dias feriados, sempre pelas dez horas no Tribunal Judicial, sito na rua Gravador^o Molarinho, desta cidade.

Guimarães, 19 de Dezembro de 1919.

Vereliquel a exatidão.

O Presidente da Camara servindo de Juiz de Direito,

Francisco Moreira Sampaio

O escrivão,

Luis Candido Lopes.

Um ano volvido, mais dōse longos meses de luta neste mar de gangrenadas paixōes se passaram e parece que foi hoje ainda, que a Fatalidade, num dos seus sanguinarios e diabolicos caprichos, te escolheu para vitima, meu desventurado irmão. Parece que foi hoje ainda, tam profunda foi a dor e tam intima é a saudade.

Se tivesses sido um mau character, um pai sem sentimentos, um negligente, um preverso, talvez essas qualidades até servissem de armas para conter o inimigo e o golpe vibrado te não ferisse tam fundo. Mas tu, character de eleição, pai e esposo amante e querido, apostolo do trabalho, cidadão sem nunca perturbar o gōso dum só direito, fez inveja o teu modesto e limpo viver, e, nestes tempos, qualidades que nobilitam são uma afronta para os que da lama se não podem já desprender.

E' assim, meu pobre irmão! Pois que mal fizeste tu para tam traiçoeiramente seres roubado para sempre, no vigor da vida, á tua esposa e filhinhos, á tua santa mãe, aos teus irmãos e amigos? Ter um ideal!

Pagaste tam caro esse direito, como se houvesse praticado o mais nefando crime, e nós choramos amarguradamente a tua perda, como dura expiação por esse crime.

Martir! Comemorando o triste aniversario do teu falecimento, os teus amigos prestam-te homenagem e eu não podia mostrar-me indifferente perante tam sincera manifestação, quando ainda sangra a ferida que me abriram no meu affecto de irmão.

Associo-me, pois, cordealmente, ao preito que te rendem, que a tua grande desventura torna merecido e justo, e oxalá tantas lagrimas vertidas possam dulcificar o teu eterno desterro no mundo misterioso que ora habitas.

José Roriz.

Francisco Roriz

A razão perturba-se, o coração emociona se vivamente ao lembrar-me dessa nefasta noite de 15 para 16 de Dezembro do 1918, noite em que fui desumanamente preso e enclausurado nas enxovias pestilentas de Guimarães e remetido entre baionetas para os carceres do Porto, tendo entre os companheiros, da desdita um moço no verdor dos anos e na pujança da vida, inteligente, activo e nobre, senão pelo nascimento pela rectidão da sua consciencia e character. Era Francisco Roriz; tinha ele uma verdadeira esperança no futuro e uma grande fé no progresso. Amava a República, e foi isso o bastante para ser considerado pelo seita jesuitica réu de lusa-patria a ponto de pagar com a vida a seu crime, crime que consistia em ser bom republicano, exemplar pai de familia, bom amigo e companheiro.

Francisco Roriz não foi vitimado por uma pneumonia, como quiseram fazer supor, mas sim pelos maus tratos e vexames que soffreu dessa maldita seita sidonica, que tinha aqui como inquisidores e representantes as tres feras: Rocha, Enxota e Amado.

Polvoreira, 25 de Dezembro de 1919.

Francisco Guimarães.